

O RESGATE DA MEMÓRIA DA COMPANHIA DE TEATRO DO INSTITUTO DE PSIQUIATRIA DA UFRJ

THE RESCUE OF THE MEMORY OF THE UFRJ PSYCHIATRIC INSTITUTE THEATRE COMPANY

Lucrecia Corbella

Doutoranda em Psicologia Social
Programa de Pós Graduação em Psicologia Social
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Bolsista CAPES
lucorbella@ig.com.br

RESUMO: Este artigo tem como objetivo principal levantar a memória do grupo *Andarilhos Mágicos*. Esta companhia de teatro funcionava na década de 1990 no Teatro Qorpo-Santo do Hospital-Dia do Centro de Atenção Psicossocial do Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O idealizador do projeto, o psiquiatra Raffaele Infante, inspirado em Franco Basaglia, Franco Rotelli e Jacob Levy Moreno, concebeu os princípios teóricos e metodológicos desta experiência que tinha como propósito realizar, através do teatro, a inclusão social da loucura. Este projeto na área da Saúde Mental, inserido na dimensão sócio-cultural da Reforma Psiquiátrica Brasileira, tornou-se pioneiro por realizar um trabalho artístico que ultrapassa os limites do espaço físico do Instituto de Psiquiatria: a) ao aliar no grupo usuários e não-usuários em seu processo de criação e em suas performances; b) por realizar apresentações em diversos espaços da cidade, inclusive em centros culturais de grande porte.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro. Andarilhos Mágicos. Loucura. Reforma psiquiátrica.

ABSTRACT: This article aims to rescue the memories of the *Andarilhos Mágicos* group. This theater company worked in the 1990s in the Theatre Qorpo Santo of the Institute of Psychiatry (IPUB) Psychosocial Care Center Dat-Hospital of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Brazil. The creator of the project, the psychiatrist Raffaele Infante, inspired by Franco Basaglia, Franco Rotelli, and Jacob Levy Moreno, conceived the theoretical and methodological principles of this experience that intended to accomplish, through the theater, the social inclusion of madness. This mental health project, inserted on the socio-cultural dimension of the Brazilian Psychiatric Reform, was a pioneer for doing artwork that go beyond the physical space of the Institute of Psychiatry: a) by integrating users and nonusers of the service in the process of creation and in their performances; b) by making presentations at various venues in the city, including prominent cultural centers.

KEYWORDS: Theater. Andarilhos Mágicos. Madness. Psychiatric reform.

1 Introdução

Andarilhos Mágicos foi uma experiência de teatro realizada no Teatro Qorpo Santo do Hospital-Dia do Centro de Atenção Psicossocial do Instituto de

Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na década de 1990. Participaram deste grupo técnicos da área de Saúde Mental, atores, psicólogos, estagiários de psicologia e do curso de Saúde Mental do IPUB, usuários, pessoas da comunidade de Chapéu Mangueira e uma criança. O psiquiatra Raffaele Infante, influenciado pelo pensamento de Franco Basaglia e de Franco Rotelli, líderes da reforma Psiquiátrica Italiana, constitui esta companhia de teatro a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido desde 1986. Infante acreditava que, através da arte, mais precisamente através do teatro, seria possível mudar a forma das pessoas se relacionarem, sobretudo em relação à loucura.

O presente artigo se propõe a levantar a memória desta trupe teatral pioneira na área da Saúde Mental. Com o intuito de situar historicamente este grupo torna-se relevante apresentar, de forma sucinta, o movimento da reforma psiquiátrica brasileira, pois esta é a base de sustentação a partir da qual esta experiência de teatro é constituída. A reforma brasileira, por surgir no contexto sócio-político de uma ditadura militar, tem a especificidade de se constituir desde sua origem como uma luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Ela se define por um processo social complexo no qual vários atores estão envolvidos em diversas dimensões que estão intimamente ligadas.

A vida e obra de Qorpo-Santo será pesquisada com o intuito de entender por que o teatro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ é batizado com o seu nome. Qorpo-Santo, professor, escritor e dramaturgo, foi perseguido e acusado de loucura durante seis anos por juízes, médicos e advogados. O movimento que Qorpo-Santo realiza para provar sua sanidade é feito em prol de sua liberdade de expressão e de criação no qual a arte, manifestada em poemas e peças teatrais, era a sua maior bandeira.

Teceremos considerações finais sobre a relevância desta experiência para a dimensão sócio-cultural da Reforma. Esta dimensão é aquela que tem como intuito a desconstrução do imaginário social da loucura abrindo caminhos nos quais a intolerância e a segregação das pessoas denominadas “loucas” pela psiquiatria cedam o lugar à compreensão e ao convívio solidário entre as pessoas

no qual elas possam aceitar e criar laços afetivos e profissionais, sem nenhum julgamento prévio, com aqueles que estão em sofrimento psíquico.

2 Reforma Psiquiátrica: o solo dos Andarilhos Mágicos

A luta em prol da Reforma Psiquiátrica começa na década de 1970 na Itália e em diversos outros países, entre eles, o Brasil. Graças às lutas engendradas por uma série de médicos, psicólogos, enfermeiros, professores, terapeutas ocupacionais, psiquiatras, assistentes sociais, intelectuais, ativistas políticos e intelectuais-ativistas, aconteceram importantes mudanças em relação à forma de conceber e de lidar com a loucura.

Franco Rotelli, um dos líderes do Movimento Antimanicomial na Itália e também diretor dos Serviços de Saúde Mental de Trieste durante décadas, afirma que no seu país esse espírito de luta conseguiu eliminar os manicômios: “Trinta anos atrás, na Itália, ninguém pensava que se pudesse ficar sem manicômios. [...] Hoje, não tem nenhum partido político, nenhuma associação, nenhum órgão público ou privado que deseja o retorno dos manicômios.” (ROTELLI, 2008, p.46-47). Rotelli participou ativamente de um grupo de pessoas que acreditava que era possível transformar a forma de atenção à loucura. Graças a este grupo hoje na Itália não há nenhum manicômio; no lugar dele há uma rede de serviços substitutivos, de base territorial, para cuidar da loucura de forma humana e solidária. Para Rotelli, a liberdade é a condição *sine qua non* para começar o tratamento do sofrimento psíquico. A liberdade aqui em questão não se refere de modo algum ao abandono, à falta de cuidados, pelo contrário, no entender de Rotelli “a liberdade só é terapêutica se não significa deixar as pessoas sós. A liberdade é um fato coletivo. É preciso que estejamos juntos para sermos livres.” (ROTELLI, 2008, p.41).

Um dos mais importantes agentes da Reforma Psiquiatria Italiana, o psiquiatra Franco Basaglia, foi idealizador e agente político da transformação do saber psiquiátrico e de sua instituição. É devido à sua atuação política que a Lei 180, lei italiana da Reforma Psiquiátrica que extinguiu os manicômios, é também denominada de “Lei Basaglia”. Basaglia considera que a descoberta da liberdade

pela psiquiatria é óbvia e por isso mesmo é tão difícil de ser realizada: “De fato, somente agora o psiquiatra parece descobrir que o primeiro passo para o tratamento do doente é o retorno à liberdade, da qual até hoje ele mesmo o privara”. (BASAGLIA, 2005, p.24). Para Basaglia, a psiquiatria deve ser a responsável por devolver a liberdade à pessoa em sofrimento psíquico já que ela foi a responsável por este tratamento equivocado que desrespeita os direitos humanos. No internamento, ao excluir e afastar o homem que sofre do convívio com a sociedade, o homem se desumaniza, tornando-se um objeto do manicômio: “num espaço de coação, onde mortificações, humilhações e arbitrariedades constituem a regra, o homem – seja qual for seu estado mental – objetifica-se gradualmente nas leis do internato, identificando-se com elas.” (BASAGLIA, 2005, p.118).

Como resistência a essa objetificação das pessoas surge o movimento pela Reforma Psiquiátrica no Brasil no final dos anos 1970. Ao contrário de outras reformas psiquiátricas que se limitavam a discutir as questões técnicas internas ao funcionamento do manicômio, a Reforma brasileira nasce com a idéia formada de que é preciso, em primeiro lugar, acabar com os manicômios. Em plena ditadura militar, a Reforma surge no Brasil em nome da liberdade e dos direitos humanos. Paulo Amarante, psiquiatra, professor, pesquisador e ativista político, um dos fundadores do movimento pela reforma psiquiátrica brasileira e do Movimento Antimanicomial, propõe pensar a Reforma como um processo social complexo que pode ser analisado a partir de diversas dimensões. Para Amarante a noção de processo social complexo é proveniente de Franco Rotelli e pode ser definida da seguinte forma:

Por processo se entende algo que está em constante movimento, que não tem um fim determinado, nem um objetivo último ou ótimo. Aponta para a constante inovação de atores, conceitos e princípios que marcam a evolução da história. Um *processo social* nos aponta que existem atores sociais envolvidos e, por isso, que existem vantagens e formulações em conflito, em negociação. É, em fim, um processo social complexo que se configura na e pela articulação de várias dimensões que são simultâneas e inter-relacionadas, que envolvem movimentos, atores, conflitos, e uma tal transcendência do objeto do conhecimento que nenhum método

cognitivo ou teoria podem captar e compreender em sua complexidade e totalidade (AMARANTE, 2003, p. 49).

Justamente por ser um processo social, é muito importante saber como a sociedade concebe a loucura e como se relaciona com aquelas pessoas que são diagnosticadas como loucas pela psiquiatria. Uma idéia pré-concebida, como por exemplo, a de que uma pessoa louca é perigosa e que por ser perigosa não pode viver em sociedade, gera uma série de atitudes de estranhamento, de rechaço, de afastamento e de falta de solidariedade. A dimensão sócio-cultural da Reforma nos convida a refletir sobre a construção desse preconceito, indagar como foi criado, qual a sua base teórica de sustentação e a quem interessa que esta construção de pensar e de agir continue imperando na sociedade desta forma. O que o filósofo Friedrich Nietzsche propõe, através de seu método genealógico, é que os valores sejam vistos com “novos olhos” (NIETZSCHE, 2007, p.13). Para Nietzsche os valores foram criados pelo próprio homem e uma vez entendido que estes valores são um produto e uma construção humana e não dos deuses, é preciso fazer “novas perguntas” questionando a origem de todas as avaliações. Nietzsche concebe que estes valores são criados histórica e culturalmente, ou seja, eles não são valores eternos, eles estão em contínua transformação. Ora, se percebermos que estes valores não são cristalizados e que não estão paralisados, é possível pensar de outra forma e iniciar um movimento em direção à mudança. Uma pessoa, para viver em sociedade, precisa de autoestima, de trabalho, de confiança, de arte, de um teto, de amor e de respeito. Para que as pessoas não sejam mais segregadas é preciso incluí-las na sociedade por meio de muitos dispositivos sociais, políticos e culturais. No entender de Amarante, a dimensão sócio-cultural da reforma é uma das mais importantes porque é a que tem como objetivo principal transformar o imaginário social que foi construído sobre a loucura:

A dimensão socio-cultural é, portanto, uma dimensão estratégica, e uma das mais criativas e reconhecidas, nos âmbitos nacional e internacional, do processo brasileiro de reforma psiquiátrica. Um dos princípios fundamentais adotados nesta dimensão é o envolvimento da sociedade na discussão da reforma psiquiátrica

com o objetivo de provocar o imaginário social a refletir sobre o tema da loucura, da doença mental, dos hospitais psiquiátricos, a partir da própria produção cultural e artística dos atores sociais envolvidos (usuários, familiares, técnicos, voluntários) (AMARANTE, 2007, p.73).

É importante destacar que não há uma contradição entre a dimensão política da luta antimanicomial e a dimensão cultural; elas se complementam. Para o diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa “não há ação politicamente revolucionária se formos reacionários culturalmente.” (MARTINEZ CORRÊA, 1998, p.134) Este é o solo no qual nasce a experiência do grupo de teatro *Andarilhos Mágicos*.

3 A experiência dos Andarilhos Mágicos

O Andarilho¹

Um andarilho vai pela
noite
A passos largos;
Só curvo vale e longo
desdém
São seus encargos.
A noite é linda –
Mas ele avança e não
se detém.
Aonde vai seu caminho
ainda?
Nem sabe bem.

Friedrich Nietzsche

A história dos *Andarilhos Mágicos* começa com o sonho de inventar uma sociedade mais solidária e mais afetuosa através do teatro. Raffaele Infante, após ter estudado na Itália, fortemente influenciado pelas idéias libertárias de Franco Basaglia e de Franco Rotelli, sonhava com uma comunidade mais justa. Infante

¹ Pode-se encontrar esta poesia na íntegra em NIETZSCHE, 1996, p. 457.

sabia que para realizar a Reforma Psiquiátrica de forma abrangente, e não apenas fazer uma mudança organizacional mantendo a lógica manicomial, era preciso modificar a forma de conceber a loucura e a forma de se relacionar com ela. Para acabar definitivamente com os manicômios, além dos serviços substitutivos e de uma nova formação dos técnicos em Saúde Mental, é preciso que a sociedade enquanto um todo se modifique. E como não se muda a mentalidade de uma sociedade por decreto e sim através da cultura, Infante teve a idéia de começar essa tarefa organizando um grupo de teatro.

O teatro é um espaço que privilegia os afetos, as lutas, os sonhos, a construção coletiva, é um espaço no qual é possível propor o novo. Segundo Infante, as pessoas precisam aprender a aceitar a loucura e, para que isso aconteça, todos precisam pensar e agir de outra forma; há de se aprender a conviver com quem é diferente. Algumas pessoas têm a sensibilidade à flor da pele, ouvem vozes, percebem o próprio corpo de forma fragmentada, precisam de atendimento psicológico e psiquiátrico, precisam tomar alguns remédios para aliviar seu sofrimento psíquico.

Foi a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido desde 1986 por Infante que o *Andarilhos Mágicos* surgiu. O grupo era formado por pessoas em sofrimento psíquico, uma criança, o diretor, uma psicóloga, uma estagiária de psicologia, um aluno do curso de Especialização em Saúde Mental e atores. Mas, dentro do grupo, cada um era denominado de “Andarilho Mágico”. O grupo se reunia uma vez por semana, às quintas-feiras, no horário de 13h às 14h45min. A partir de julho de 1993 o grupo conquistou mais um horário para trabalhar, nas próprias quintas-feiras, de 9h às 10h30min.

Uma das dimensões da Reforma Psiquiátrica Brasileira é a teórico-conceitual, que faz uma desconstrução da terminologia psiquiátrica clássica. É nítido esse movimento ao longo do trabalho de Infante. Em 1986, ele ainda cita “terapia da psicose” nos seus textos porque era o título da pesquisa piloto que foi aprovada e financiada pelos órgãos de pesquisa. No texto “Psicodramaturgia - Uma nova práxis interdisciplinar no campo da ecologia mental”, Infante introduz o

conceito de “cidadania psiquiátrica” como uma alavanca para uma discussão destas categorias psiquiátricas cristalizadas:

Assim, a compreensão dessa por nós definida “cidadania psiquiátrica” implica em também definir-se o conceito de compreensão, uma vez que a maioria dos psiquiatras considera as idéias e situações dos psicóticos não só ininteligíveis como também indesejáveis. A utilização do “senso comum” como parâmetro à compreensão dos comportamentos de outros seres humanos – em especial aqueles mais “diferentes” – limita em muito a percepção da significância desses comportamentos ou expressões comunicacionais (INFANTE, 1992, p. 521).

Este conceito de *cidadania psiquiátrica* surge como um primeiro passo em direção ao afastamento do rótulo “psicótico” ou “esquizofrênico” do qual é praticamente impossível se descolar. Foi preciso unir a coragem de muitos em inúmeras batalhas para que hoje possamos dizer “pessoa em sofrimento psíquico”. O trabalho de Infante foi muito importante neste processo de mudança de paradigma.

Mas por que Infante escolhe, entre todas as artes, justamente trabalhar a partir do teatro? Por que o teatro é uma arte generosa na qual a criação irrestrita é permitida. Nesse templo mágico da arte de Dionísio, pode-se ser astronauta, prostituta, navegador, louco, mãe, filho, cozinheira, assassino, Deus, mendigo e tudo mais que a imaginação quiser. Por isso, o teatro é generoso com a loucura, ele não a exclui. Através do teatro também se vivenciam outros tempos históricos inseridos em diversas culturas, cada qual com seus valores e suas crenças.

Nem todas as sociedades segregavam quem era diferente, algumas incorporavam a diferença; os antigos gregos, por exemplo, tinham uma série de divindades que representavam a diferença, entre elas estava Dionísio. Dionísio simboliza um tipo de alteridade que é possível encarar nos olhos, que permite a diferença, que acolhe toda diversidade; além de ser o deus do teatro, também é o deus que ensina e impele a ser outro. Dionísio, deus do exagero, da desmedida, do êxtase, do teatro, da embriaguez, nos leva para outra dimensão da existência. Há um esfacelamento do eu em nome de algo maior que instiga à fusão com a natureza, com a arte e com o teatro.

Dionísio, no entender de Vernant (1991), é o deus que nos afasta da “existência cotidiana” e que nos leva para a dimensão do desconhecido, do sonho, do inusitado, do “algo mais”. A ação de Dionísio nos afasta do conhecido, do familiar, para dar lugar ao inesperado da criação. Nietzsche afirma que no processo dionisíaco experimentamos o “*ser em si mesmo*, o eterno prazer do vir a ser – esse prazer que traz em si também o *prazer no destruir...*”. (NIETZSCHE, 2008, p.61, grifo do autor).

Uma das bases teóricas do grupo de teatro *Andarilhos Mágicos* era a teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno. Moreno, pai do psicodrama, nasce num navio não identificado e sem bandeira. Infante sempre lembrava que o fato de Moreno ter nascido nesta circunstância tão peculiar o tornava um cidadão do mundo, sem pertencer a um país definido. Moreno, quando criança, gostava muito de brincar que era deus. Já adolescente ele passa a estimular que as crianças brinquem de serem deuses, pois segundo ele, neste jogo teatral se é ator, diretor, cenógrafo, figurinista, dramaturgo, ou seja, a imaginação e a criatividade são amplamente exercitadas neste processo.

Nas sessões psicodramáticas nada é pré-definido, nenhum texto é memorizado para depois ser representado. Tudo o que ocorre na sessão é vivenciado pela primeira vez e, se o sujeito estiver bem aquecido², através de jogos teatrais iniciais, e se conseguir se distanciar dos papéis impostos a ele socialmente, ele poderá agir de forma espontânea. E a espontaneidade, para Moreno (1978), está diretamente ligada à criatividade. O autor dá muita ênfase a respostas novas frente a velhas situações, ele denomina essas respostas novas de criativas, são um “ato de espontaneidade”. Segundo Infante, “Na situação psicodramática, tudo é vivenciado pela primeira vez.” (INFANTE, 1991, p. 172).

O objetivo do psicodrama é a liberdade, é romper com papéis sociais que nos são impostos e que, com o passar do tempo, vão ficando cristalizados. Para o filósofo Michel Foucault é fundamental recusar esses papéis cristalizados para que nos defrontemos com a liberdade de escolha de uma nova subjetividade. No

² O teatro possui vários rituais, um deles é o aquecimento. O aquecimento é um momento no qual os atores realizam diversos exercícios de consciência corporal antes de iniciar os ensaios, sempre ouvindo alguma música que diga respeito à peça que se está trabalhando.

entender do filósofo, romper com a individualidade que nos foi imposta torna-se um caminho necessário para afirmar a liberdade. No texto *O sujeito e o poder*, o que Foucault pretende com sua pesquisa é “produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação de ser humano em nossa cultura.” (FOUCAULT, 1994, p.223)³. Esse caminho de rompimento com o que está socialmente estabelecido é travado por lutas engendradas contra a violência do Estado que não nos deixa afirmar nossa singularidade e, ao mesmo tempo, são lutas contra um saber científico que nos impõe uma identidade fixa, como por exemplo, o rótulo de “louco”. Para Infante, é possível realizar, através do teatro, a libertação tanto das regras do Estado econômico quanto das determinações do saber científico:

Ao psicodrama caberia então a função de libertar o homem das “conservas culturais”⁴ que o aprisionam tornando-o espontâneo e criativo. Socialmente, representamos papéis que nos são exigidos: o pai, o amigo, a mãe. Na maioria das vezes, os cristalizamos de tal forma, que somos incapazes de enriquecê-los, de sermos criativos (INFANTE, 1991, p. 173).

Infante (1986) concebe que a proposta dos *Andarilhos Mágicos* não buscava reproduzir os modelos convencionais do teatro espetáculo e sim contribuir para o questionamento do papel social do teatro a partir de subjetividades marginalizadas pela sociedade. Segundo Infante, o objetivo do psicodrama é um reencontro do homem com a sua coletividade:

Uma das vias de grande potencial seria retomar aprofundando a discussão sobre os próprios limites do teatro, da expressão dramática enquanto produto de padrões culturais subordinados ao modelo hegemônico burguês, com o teatro para a espontaneidade, do drama como veículo de integração do homem com suas realizações sociais, como superação da alienação, dentro dos conceitos analisados por Marx⁵ (INFANTE, 1986, p. 182).

³ Tradução livre de *Le sujet et le pouvoir*.

⁴ Conceito de Moreno.

⁵ Um dos referenciais teóricos de Infante para pensar as desigualdades sociais era o marxismo. Infante era comunista, o que significava na época (1986), luta contra o fascismo de Estado, contra a ditadura militar brasileira e a favor de uma sociedade mais justa e mais igualitária. A maior parte das pessoas que estavam trancafiadas há décadas em manicômios eram pessoas em risco social, “os indesejáveis” que eram excluídos. Por isso, podemos sustentar que a luta por uma sociedade sem manicômios é também uma luta política contra a desigualdade social.

No processo de criação dos *Andarilhos Mágicos*, os rituais, a criação dos textos teatrais e de todos os demais componentes dramáticos eram desenvolvidos com a participação ativa do grupo. Desde a preparação corporal com jogos teatrais, passando pela construção do texto, pelos exercícios de improvisação, pela idealização e confecção dos figurinos, do cenário, das máscaras com forte influência da *comedia dell'arte*, todo o processo de criação era coletivo, no qual, para Infante, todos os limites são postos à prova:

Pensamos contribuir ao desenvolvimento de métodos de ação dramática que estabeleçam um permanente confronto dos papéis exercidos pelos grupos sociais em conflito, trazendo os elementos críticos ao prosscênio, redefinindo e superando os limites entre contexto histórico, atores e público (INFANTE, 1986, p. 182).

No entender de Infante, teatro e vida são indissociáveis: “Um teatro que, desdobrando-se no espaço, corre o risco de tocar na vida, um ‘teatro’ capaz de encarar o risco que é aproximar-se da vida, não é um ‘teatro’, é um espaço da vida.” (INFANTE, 1991, p. 175, grifos do autor). Através das reflexões de Infante e do trabalho construído pelos *Andarilhos Mágicos*, podemos entender que o teatro ritualiza o mito, trazendo o divino para a existência, é uma celebração a Dionísio. Esta celebração, para Nietzsche, é um ritual de afirmação da vida em todas as suas potencialidades sem um juízo de valor que afirme uma verdade unívoca desprezando as demais: “[...] aqui só nos fala uma opulenta e triunfante existência, onde tudo o que se faz presente é divinizado, não importando que seja bom ou mau.” (NIETZSCHE, 1999, p.36).

Os *Andarilhos Mágicos* se reuniam regularmente em sua sede no Teatro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, fazendo parte de um projeto maior intitulado Oficinas Comunitárias. As Oficinas que integravam este projeto realizavam reuniões semanais para troca de experiências. As Oficinas Comunitárias também estavam inseridas em um projeto pioneiro que acreditava que, ao incluir no trabalho de Saúde Mental uma comunidade em risco social, como era o caso de Chapéu Mangueira, comunidade vizinha ao Hospital Psiquiátrico, a sociedade se

tornaria mais justa. Infante pensava que, para os técnicos em Saúde Mental, principalmente para os psiquiatras e pesquisadores, essa troca de experiências de vida e de concepções de existência com a Comunidade de Chapéu Mangureira seria muito frutífera.

É muito importante destacar que o teatro construído pelos *Andarilhos Mágicos* não estava restrito ao espaço físico do Instituto de Psiquiatria; ao contrário, eles ultrapassavam os limites impostos a essas paredes. Os *Andarilhos Mágicos* se apresentavam regularmente pelo Campus da Universidade, na Praça da Praia Vermelha, construindo desta forma, um trabalho efetivamente cultural no lugar de ser um trabalho estritamente terapêutico limitado aos serviços de atenção psicossocial da área da Saúde Mental. No ano de 1993, o diretor de teatro Augusto Boal conseguiu realizar, com o Apoio do Centro Cultural Banco do Brasil, o VII Festival Internacional de Teatro do Oprimido, o primeiro realizado no Brasil. Um dos grupos convidados a participar foi o *Andarilhos Mágicos*. No dia 29 de julho de 1993 o *Andarilhos Mágicos* se apresentou no Festival com a peça *Que pena que o mundo seja assim*, fruto da criação artística coletiva do grupo. Uma platéia de 200 pessoas assistiu ao espetáculo na rotunda do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro.

Na criação da sua primeira peça, *Que pena que o mundo seja assim*, o *Andarilhos Mágicos* celebrou a fundação do Teatro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ com o nome Qorpo-Santo. Mas por que Qorpo-Santo? Quem foi Qorpo-Santo? A seguir vamos conhecer um pouco da vida e da obra de Qorpo-Santo para tentar entender o porquê da escolha de seu nome para batizar um teatro que fica dentro do espaço de um Instituto Psiquiátrico.

4 Qorpo-Santo: um modelo de afirmação da diferença

É na Vila do Triunfo, Rio Grande do Sul, em 1829, que nasce esta pessoa totalmente singular. José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo foi poeta, dramaturgo, vereador, subdelegado de polícia, comerciante e professor. Qorpo-Santo, em 1853, muda-se para Porto Alegre para estudar e trabalhar, cidade na

qual conhece sua futura esposa com quem posteriormente conceberia três filhos. Como professor,

Qorpo-Santo era um homem muito preocupado com a simplificação da língua portuguesa a fim de tornar mais rápida a alfabetização. Segundo o “Novo Sistema Ortográfico”, inventado por ele, a alfabetização levaria de seis a oito meses. Qorpo-Santo, homem inteligente, sempre preocupado em ajudar seu próximo, marido dedicado e pai carinhoso, falece de tuberculose aos cinquenta e três anos em Porto Alegre. Como era muito zeloso com sua família e sabia cuidar bem de seus bens, deixa seis casas, dois sobrados, um terreno, uma tipografia e vários bens móveis para seus herdeiros.

Qorpo-Santo era homem muito respeitado pelo seu meio social até ser acusado de louco. Aos trinta e cinco anos ele é interdito pela justiça, obrigado a se afastar da família e a deixar o magistério. Depois desta primeira interdição judicial, em 1864, a vida de Qorpo-Santo transformou-se num verdadeiro inferno. Em *A Saúde e Justiça*, ele escreve com riqueza de detalhes o relato deste processo tão complicado que se estendeu durante os seis anos de julgamento. Qorpo-Santo escreve *Livro* para denunciar a perseguição sofrida por várias pessoas de Porto Alegre, entre eles médicos, advogados e juízes: “seis livros por mim produzidos e impressos – para debelar os crimes de que fui vítima desde agosto de 1862 até setembro de 1868”. (QORPO-SANTO, 1980, p.41).

O primeiro exame de sanidade mental, realizado em 1867, em Porto Alegre, declara que Qorpo-Santo “estava no gozo perfeito de suas faculdades mentais” e que ele estava apto para voltar a lecionar. No ano seguinte ele é obrigado a realizar outro exame de sanidade, desta vez, no Rio de Janeiro, para poder obter um laudo realizado por outros médicos. O primeiro laudo do Rio de Janeiro, feito no Hospício de Pedro II⁶, afirma que o paciente sofre de “monomania”, mas que, para emitir um laudo definitivo, seria preciso que o paciente ficasse um tempo no Hospício em observação. Findo o período de observação, os médicos declaram que Qorpo-Santo possui um “acréscimo de atividade intelectual”, mas que pode se

⁶ O prédio do *Hospício de Pedro II* atualmente abriga o Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mesmo campus universitário no qual se situa o Instituto Psiquiátrico da UFRJ, o IPUB, campus intitulado de “Praia Vermelha”.

manifestar somente através de uma pressão externa extrema, concluindo, desta forma, que o paciente “não” deve mais permanecer no Hospício, pois seria extremamente prejudicial à sua saúde mental. Os médicos recomendam que ele volte ao seu convívio social e familiar. Porém, recomendam que, antes disso, ele faça novos exames, ainda no Rio de Janeiro, na Casa de Saúde Dr. Eiras.

Após realizar os novos exames na Casa de Saúde Dr. Eiras, o médico responsável declara que “nada indica em seu organismo um estado mórbido”. O Dr. João Vicente Torres Homem conclui que Qorpo-Santo deve ser posto em liberdade o quanto antes em nome de sua saúde psíquica. O juiz Dom Luís de Assis Mascarenhas, que ouviu a junta médica, declarou que Qorpo-Santo “estava no poder de gerir sua pessoa e seus bens”.

Seria um triste folhetim se não fosse a história vivida por Qorpo-Santo. Apenas um mês após voltar à liberdade, já em Porto Alegre, gozando de todos os seus direitos e deveres de homem “normal”, o Juiz Correia de Oliveira lhe solicita um novo exame de sanidade. Qorpo-Santo se recusa a fazer o novo exame respondendo que não comparecerá. O juiz de órfãos suplente, o bacharel Antonio Correia de Oliveira, não satisfeito com o ofício apresentado por Qorpo-Santo, ordena que seja feito um novo exame de sanidade. Qorpo-Santo responde em novo ofício:

E porque meu juízo, já por vezes exarado e documentado tem sido em autos [...] e apoiado na opinião de nove médicos dos mais creditados desta capital, e da do Império [...] pelo incessante esforço que há igual tempo há feito para desgraçar uma família inteira, cavando a ruína de seu chefe: segunda vez declaro a V. S. que não se faz mister comparecer a tal exame. José Joaquim de Campos Leão Corpo-Santo. (QORPO-SANTO, 1980, pp.23- 24).

Nestes seis anos de sofrimento incessante, nesta luta quixotesca para provar sua sanidade, Qorpo-Santo encontra uma saída para sua vida através da arte. Qorpo-Santo escrevia incessantemente peças de teatro e poemas de uma forma um pouco mágica, pois o fazia de uma vez só, sem reescrever nem revisar.

5 Considerações finais

Este artigo teve o intuito de levantar a memória dos *Andarilhos Mágicos* por entender que as iniciativas artísticas são fundamentais para que o trabalho da Reforma Psiquiátrica possa se disseminar pela sociedade em todos os âmbitos e que seu enraizamento possa, de fato, transformar o imaginário social que foi criado para segregar a loucura. Para Infante, fazer teatro significava o reforço da auto-estima, uma luta pela autonomia e pela democracia, e o fortalecimento do coletivo e das relações interpessoais.

Vejamos a seguir duas poesias, uma de Qorpo-Santo e outra dos *Andarilhos Mágicos* para poder entender como a criação e a vida estão imbricadas em um movimento só, como a poesia, segundo Nietzsche é esta “indisfarçada expressão da realidade”. (NIETZSCHE, 1999, p. 55).

Poesia de Qorpo-Santo:

Uma voz⁷

“Tormento comendo, tormento bebendo
Tormento andando, irão sofrendo.
Tormento dormindo, tormento sonhando,
Tormento se rindo; irão padecendo.
Tormento deitado, tormento assentado,
Tormento pensando – os irei matando.
Tormento correndo, tormento caindo,
Tormento chorando – os irei passando.
Tormento lendo, tormento escrevendo,
Tormento gemendo, os farei ir temendo”.
(QORPO-SANTO, 1980, p. 51)

Poesia dos *Andarilhos Mágicos*:

Sem Título

⁷ Esta poesia foi escrita por Qorpo-Santo em maio de 1868 no Rio de Janeiro, durante sua internação de mais de trinta dias para fins de observação solicitada pelos psiquiatras do *Hospício de Pedro II*.

Chega de chatice, monotonia
Vamos nos embebedar de sonhos que
Podem ser super-reais;
Vamos nos encher de magia,
Estou cheia de noite, de dia,
De certo, de errado.
Vamos dançar ao som de nossos corações
Tão massacrados de tédios, de rótulos
De convenções, de palavões certinhos
Chega de chatice, vamos rasgar as sombras
Dos olhos, dos corações e nos entregar
Totalmente, pelo menos hoje, agora e sempre
Nos entregar a essa melodia, a Magia
Das nossas sensações, vamos ser Livres!
Por favor, *help*, viva a Liberdade!

É por enxergar em *Qorpo-Santo* um modelo de afirmação da diferença e da superação dos estigmas da loucura que Infante escolhe batizar o Teatro do Instituto de Psiquiatria da UFRJ com o seu nome. Esta superação dos estigmas está espelhada nas ações de *Qorpo-Santo*, como por exemplo, a de comprar uma tipografia e imprimir ele mesmo seus livros, já que ninguém, naquela época, se interessava em publicar suas peças de teatro e suas poesias. *Qorpo-Santo* sentia uma necessidade de comunicar sua arte; mais do que uma necessidade, era uma urgência em compartilhá-la com a sociedade.

Ao formar uma união de pessoas constituída por usuários, profissionais e estudantes da área de Saúde Mental, pessoas em risco social, atores, e ao promover apresentações fora do Instituto, Infante estava em um movimento de transformação do imaginário social da loucura. A transformação se realiza nos atores (os *Andarilhos Mágicos*) e na platéia (a sociedade), produzindo novas formas de se relacionar.

O sofrimento psíquico não pode ser negado, não pode ser apagado, ele faz parte da memória e da história de vida de muitas pessoas. Mas através do teatro pode-se transformar a forma de lidar com ele, fazendo que a dor, em vez de paralisar, se transforme em criação artística. O teatro abre a possibilidade de levar a pessoa em sofrimento psíquico para outra dimensão, através deste movimento é possível deslocar a “doença” para poder vivenciar o instante presente.

Andarilhos Mágicos era um grupo de teatro que não se propunha tratar a loucura, se propunha somente fazer teatro. O fazer teatro por si só já é extremamente transformador, é uma ação de vida que se coloca em movimento no presente em direção ao futuro; e esta ação é sempre coletiva, pois não se faz teatro individualmente. Mesmo em um monólogo há uma coletividade trabalhando para contar uma história: um texto escrito por um dramaturgo ou escrito por um grupo, um diretor, um iluminador, um ator, um figurinista, um cenógrafo, entre tantos outros profissionais, e a platéia, elemento fundamental do teatro. O teatro é constituído na relação entre pessoas, umas contam uma história e outras a escutam e a sentem; o “entre” é o teatro. O inusitado surge justamente deste “entre”, desta relação de troca de perspectivas de percepções da realidade.

Por ser uma idéia muito nova para a época, vários grupos dentro do Instituto de Psiquiatria se opuseram tanto às idéias quanto às ações que Infante propunha e realizava. Enquanto foi diretor do Instituto, pôde levar adiante este projeto tão inovador, mas, quando termina seu mandato de direção, todos seus projetos são depreciados e engavetados. Infante, ao se sentir acuado, falece no ano 1998, aos quarenta e oito anos de idade; com sua morte, o grupo se dissolve.

Andarilhos Mágicos era uma companhia de teatro de loucos e sãos, mestres e aprendizes, ricos e pobres, atores profissionais e amadores, velhos e crianças. Para Infante era justamente esta diversidade de concepções de existência, de sonhos, de problemas, de afetos, de sofrimento e de alegrias o que tornava este grupo tão singular. Cada qual com sua diferença, todos trabalhando juntos, fazendo teatro e construindo um “espaço de vida” no qual todos estão convidados.

Referências

- AMARANTE, P. A (clínica) e a reforma Psiquiátrica. In: AMARANTE, P. (Org.). **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.
- AMARANTE, P. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- BASAGLIA, F. **Escritos selecionados em Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica**. In: AMARANTE, P. (Org.). Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FOUCAULT, M. Le sujet et le pouvoir (306). In: DEFERT, D.; EWALD, F.; LAGRANGE, J. (Orgs.) **Dits et écrits. 1954-1988**. . v. 4 Paris: Gallimard, 1994.
- INFANTE, RGG. Influências filosóficas no desenvolvimento do psicodrama – a teoria e as práticas de dramatização. Rio de Janeiro: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.35 n.3, p. 181- 82, 1986.
- INFANTE, RGG; CLEBER, RS. Atividades psicodramáticas no hospital- dia do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro: fundamentos e perspectivas. Rio de Janeiro: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.40, n.4, p. 171-75, 1991.
- INFANTE, Raffaele GG. Uma nova práxis interdisciplinar no campo da ecologia social. Rio de Janeiro: **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v.41, n.10, p. 521-524, 1992.
- MARTINEZ CORRÊA, JC. **PRIMEIRO ATO, Cadernos, Depoimentos, Entrevistas (1958-1974)**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- MORENO, JL. **Psicodrama**. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- NIETZSCHE, F. Obras Incompletas. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Círculo do Livro, 1996.
- NIETZSCHE, F. **O Nascimento da Tragédia**. 2ª Ed., 3ª reimpressão. Trad. Jacob Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- NIETZSCHE, F. **A Genealogia da Moral: uma polêmica**. 10ª reimpressão. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007,
- NIETZSCHE, F. **Ecce homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROTELLI, F. Formação e construção de novas instituições em saúde mental. In: AMARANTE, P; CRUZ, LB. (Orgs.) **Saúde Mental, Formação e Crítica**. Rio de Janeiro: Laps/Fiocruz, 2008.

QORPO-SANTO, JJCL. **Teatro Completo**. (Fixação do texto, estudo crítico e notas de Guilhermino Cesar). Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação Nacional de Arte, 1980.

VERNANT, J-P. **A Morte nos Olhos. Figuração do Outro na Grécia Antiga. Ártemis e Gorgó**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991,

Recebido em: 28/02/2011; aceito para publicação em: 29/05/2011